

## O *Front National* E A Luta Pela “Liberdade” Na França<sup>I</sup>

---

Karl Schurster<sup>II</sup>  
Lucas Borba<sup>III</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo traçar um panorama da ascensão do partido da extrema direita francesa *Front National*. Observamos que no contexto pós-crise de 2008, tal partido veio a crescer vertiginosamente no cenário político francês. As teses marxistas clássicas baseiam a ascensão dos extremismos e fascismos na economia, dando às crises econômicas, o caráter fundador de tal processo. Ao longo deste texto, reuniremos argumentos que evidenciam que a crise financeira funciona apenas como um dos catalisadores da ascensão da extrema direita, e que suas causas são muito mais complexas do que muitas vezes são apontadas, demandando um estudo sistemático acerca do tema.

**Palavras-chave:** Tempo Presente, Extrema Direita, Europa, França, Front National.

### **The *Front National* and the Struggle for Liberty in France**

**ABSTRACT:** This article aims to make a panorama of the ascension of the far-right French party *Front National*. We noted that in the post 2008 financial crisis context, the party is growing in the French political scenery. The classical Marxists thesis found the extremisms and fascisms ascension in the economy. Over this text, we'll organize arguments show that the financial crisis have the function of one of the catalysts of the far-right ascension, and that the causes are more complex than is showed, which demands a systematical study around the theme.

**Keywords:** Present Time, Far-Right, Europe, France, Front National.

Artigo recebido em 15/08/2015 e aceito em 28/08/2015.

Os anos após a crise econômica mundial de 2008 registraram um aumento da polarização política não só na Europa, bem como no resto do mundo. Porém é no velho continente que a política polar vem a ganhar uma maior repercussão. A extrema direita vem a utilizar situações de mal-estar social geradas pelo colapso econômico com o fim de fortalecer suas propostas. A extrema esquerda surge também como uma alternativa para conter as crises sociais. Assim ocorre em países como Espanha, França, Itália, Alemanha, Grécia, Áustria, dentre outros. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo traçar um panorama da ascensão das políticas de extrema direita na França com o partido *Front National*.

Um dos partidos de destaque em meio ao espectro extremista europeu, mais especificamente no que concerne à extrema direita é o *Front National*. O já tradicional partido direitista francês veio a subir em popularidade, logrando quase 27% do sufrágio nacional para as eleições municipais do ano de 2014. Também veio a ganhar maior espaço no Parlamento Europeu, onde sua líder, Marine Le Pen vem ganhando apoio entre os outros partidos de direita do continente. Em novembro de 2013, Marine Le Pen (*Front National*) promoveu uma aliança com a extrema direita holandesa junto a Geert Wilders para formar a Aliança Europeia pela Liberdade, uma coalisão que pretende assumir lugar notável no parlamento europeu a constituir-se, nesse sentido, como a terceira maior força política do parlamento. A coalisão liderada por Le Pen, como a maioria dos partidos de extrema direita, é oposta à União Europeia por ter um certo controle sobre os países pertencentes à ela<sup>IV</sup>. “Somos contra uma União Europeia que nos impõe orçamentos, e minando nossa identidade nos diz quem deve ou não entrar em nosso país, impõe a moeda e lança os trabalhadores de um país contra outro.” Essas foram palavras de Le Pen na cerimônia de afirmação da aliança junto a Wilders.

O partido liderado por Marine Le Pen pode ser considerado, dentro da escala política horizontal proposta por Norberto Bobbio, em seu livro *Direita e Esquerda*<sup>V</sup> como um partido de extrema direita. Bobbio desconstrói o pensamento clássico de que existe apenas a díade *direita-esquerda* e estende as categorias de pensamento político para além dessa díade. Desta forma, um partido ou organização política pode tender mais para a direita (ou para a esquerda) do que outro partido mais moderado. É dessa forma que surge a categoria de extremismo, podendo ser este de direita ou de esquerda. O Extremismo é um fenômeno característico da política contemporânea e que motivou e ainda motiva movimentos sociais e políticos, principalmente em épocas de intensa mobilização social e de profundas transformações nos sistemas produtivos e institucionais. As crises sociais funcionam como catalisadoras de políticas extremistas, em que a sociedade descontente com o *status quo*, é muitas vezes respaldada pelas políticas propostas por partidos e organizações extremistas. A sociologia política distingue dois tipos opostos de extremismo, o de direita e o de esquerda. O extremismo de direita é marcado pela manifestação de classes e categorias sujeitas a uma repentina perda de status e de condição e a uma drástica redução da sua influência política. O comportamento extremista concretiza-se historicamente em movimentos e/ou partidos portadores de uma práxis subversiva e violenta, que rejeitam os vínculos formais da transformação do conflito em controvérsia, próprios da tradição parlamentar.<sup>VI</sup>

O *Front National* pode ser caracterizado também como um partido pertencente ao movimento da “*Nova Direita*”, termo usado para descrever propostas relacionadas desde a redução da carga tributária, à censura e campanhas contra a imigração. Alguns autores descrevem a Nova Direita como a junção de duas ideologias aparentemente antagônicas do século XX: A teoria de livre mercado de Adam Smith e a teoria conservadora tradicional, defendendo como princípios básicos para a manutenção do Estado a ordem, autoridade e disciplina. O FN vem a defender um “Estado forte”, que venha a se sobrepôr aos interesses da União Europeia para tirar a França da crise econômica que esta vem a enfrentar desde o

colapso econômico mundial de 2008. Tal *estado forte* também teria a função de “restaurar” os valores republicanos franceses.<sup>VII</sup>

As eleições europeias de 2014 vieram a consolidar o partido no cenário político nacional e continental. Três anos após assumir a liderança do partido, Marine Le Pen logra sua primeira grande vitória, transformando o partido por ela liderado na maior força política da França. O FN elegeu 24 eurodeputados para o Parlamento Europeu, cerca de um terço do total de deputados que a França tem nesta instituição. As eleições para o Parlamento Europeu em 2009 marcaram o primeiro passo para o fortalecimento do partido a nível continental, que naquela ocasião veio a arrecadar cerca de 1 milhão de votos, elegendo 6 eurodeputados, sua maior vitória até então. Cinco anos depois, o cenário de descontentamento social que a França está a passar, atrelado ao colapso financeiro, vem a alavancar as políticas defendidas por Le Pen para a restauração do Estado francês. Como já referido, a plataforma política do *Front National* vem a defender um Estado forte, que seja governado com os franceses e para os franceses, que contradiz o princípio liberal da direita, de um Estado mínimo. É nesse tipo de situação que as propostas de austeridade, xenofobia, propostas de caráter anti-imigração vêm a ganhar força, tendo em vista também a taxa de desemprego que a França enfrenta, principalmente entre os jovens. Como numa medida de auto defesa, a população francesa procura se fechar para os imigrantes, que são enxergados como uma maior concorrência não só para o mercado de trabalho, quanto para os serviços sociais do país.

Teriam os franceses perdido a crença e a confiança na instituição denominada de Estado? Como aponta Hegel, o Estado representa o ponto maior da liberdade humana, da liberdade do indivíduo. É com o Estado e a democracia que ocorre a síntese dos interesses da população, numa tentativa de estabelecer um estado de bem-estar social. Em meio à crise social que a Europa enfrenta, também devido à crise financeira de 2008, os cidadãos não encontram mais respaldo no Estado francês, que seria como qualquer um outro, a instituição responsável pela harmonia interna e externa de um país. É aproveitando o mal-estar na sociedade que a extrema direita na França vem a conseguir um maior apoio, enfatizando sempre o refortalecimento do Estado para reorganizar a economia e a sociedade francesa e desta forma, tirar o país da crise.

Os indivíduos sob a ação de um discurso em que predomina um “falar forte”, para usar uma expressão citada pelo autor francês Patrick Charaudeau<sup>VIII</sup>, terminam criando um *ethos* de identificação com esse discurso e com as propostas defendidas por tal discurso. Nesse sentido, o extremismo presente nos discursos da extrema direita são evidenciados e encontram respaldo nas pessoas que se encontram sob sua ação. O sujeito que fala gera uma relação de poder para com o seu receptor, tentando sempre atrair este com as suas convicções. O discurso se baseia sempre num princípio de alteridade, em que a figura de poder procura manter certa influência sobre o espectador. Desta forma, os princípios extremistas são evidenciados por quem fala e por meio de relações de interdependência, são defendidos por quem se encontra sob a ação do discurso. Como se o extremismo fosse um mal que estivesse adormecido na sociedade, e em momentos que o Estado recua e o descontentamento social surge, este volta a ficar em evidência entre os discursos políticos e a população.

Podemos citar como um exemplo do avanço do *Front National* no espectro político francês o caso da cidade de Saint-Gilles, situada no sul da França. A cidade é porta de entrada para imigrantes, dentre os principais estão os espanhóis, marroquinos e pessoas vindas do Oriente Médio. Aproximadamente 40% da população da cidade é representada por imigrantes e o desemprego atinge os 25%. Um local demasiado propício para a ação da extrema direita com suas propostas de xenofobia e racismo, bem como o veto aos imigrantes. Saint-Gilles foi a primeira cidade a eleger um prefeito pertencente à FN, já em 1989. Nas eleições locais de 2014, o candidato dos *Bleues* Gilbert Collard recebeu mais de 42% dos votos no primeiro

turno, reacendendo a chama da extrema direita em tal cidade. Neste lugar, os imigrantes lutam uns contra os outros e é possível observar diversas opiniões racistas, como a de Rachid, proprietário de um bar, que fala abertamente “eu sou racista!” e pede que a extrema direita vença na cidade para frear a migração de espanhóis e portugueses.<sup>IX</sup> Marroquinos votam na FN para expulsar equatorianos, portugueses para expulsar marroquinos, franceses para que os espanhóis não “tomem conta” da cidade. É dessa forma que a população da cidade se encontra, totalmente rachada, com cada grupo nacional defendendo seus próprios interesses.

O caso de Saint-Gilles é perfeito para analisarmos a *Weltanschauung*, a cosmovisão do povo europeu. A abertura das fronteiras dos países da União Europeia proporciona a livre migração de pessoas para diversos países à procura de melhores condições de vida. A problemática consiste no fato de que a estagnação da economia desde 2008 leva as populações de diversos países a se resguardarem: não há nenhum interesse em trazer mais estrangeiros para o seu país. Ora, é natural que se em nossa casa há pouco alimento para repartir, iremos querer o menor número de pessoas para dividir o alimento. A política de livre migração da União Europeia é útil para a população que precisa de trabalho e melhores condições de vida, mas para um país que se encontra em recessão econômica, quanto menos estrangeiros forem atraídos, melhor. Outro caso semelhante que podemos citar aqui é o da Suíça, na qual foi aprovada recentemente por meio de um referendo a limitação de imigrantes, contrariando a livre migração proposta pela União Europeia. A ideia foi propagada à população pela União Democrática do Centro, partido de extrema direita suíço. A medida afeta demasiadamente trabalhadores de cerca de 50 cidades italianas, na região do lago de Ceresio e Como, que trabalham no país vizinho. Conhecidos como *frontalieri*, eles formam um contingente de 62 mil trabalhadores<sup>X</sup> que atravessam a fronteira entre Itália e Suíça todos os dias para poderem chegar ao trabalho.

As origens do *Front National* remontam ao antissemitismo presente na França e Europa no final do século XIX. Surgiu incorporando ideais da *Action Française*, organização que surgiu durante do Caso Dreyfus e que tinha como ideólogo Charles Maurras. Tal organização surgiu como uma retaliação à extrema esquerda e ao movimento pró-Dreyfus, que na época, contava com Émile Zola e o artigo publicado por ele de título *J'accuse*, em que defendia Alfred Dreyfus, uma espécie de carta ao presidente francês da época, Félix Faure. A extrema direita na França no pós-guerra, mais especificamente durante do governo de De Gaulle, se encontrava fragmentada, tendo como as principais correntes as organizações o *Occident*, a *Ordre Nouveau* e o *Groupe Union Défense*. Foi da *Ordre Nouveau* que o *Front National* surgiu, no ano de 1972, como um novo partido para concorrer às eleições do ano seguinte. O conservador Jean-Marie Le Pen foi eleito para ser o líder da nova organização, e assim seguiu até ser sucedido por sua filha no ano de 2011.

Jean-Marie Le Pen sempre teve uma vida política controversa. Já chegou a alegar, em 1987, que “as câmaras de gás (dos campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial) foram um mero detalhe na história da humanidade”.<sup>XI</sup> Com esse tipo de declaração, Le Pen se junta ao nefasto grupo de negacionistas do *Shoá*<sup>XII</sup> em que o genocídio de 6 milhões de judeus entre os anos de 1942 e 1945 (período em que foi implementada a Solução Final pelo aparato de guerra do Terceiro Reich) é negado, ou é apontado como um simples “exagero” midiático. Recentemente, em 2015, Le Pen voltou a defender seu ponto de vista negacionista acerca do *Shoah*, e foi fortemente repreendido por sua filha Marine Le Pen, atual líder e presidente do partido. Tal episódio resultou na sua expulsão do cargo de Presidente de Honorário do *Front National*, e fez com que Marine Le Pen reforçasse a posição atual do partido como não sendo mais antijudaico.

Os anos que sucederam a criação do partido foram marcados por ajustes ideológicos e a formação de um conjunto de políticas próprias, porém, as propostas do FN nunca

encontraram tanto respaldo na população da época, muito devidamente pelo fato de ter havido um governo conservador de direita no país há pouco tempo, com Charles de Gaulle. Desta forma, o partido só veio a consolidar-se no cenário nacional já durante a década de 1990, com a disputa presidencial de 1988 lançando Le Pen como candidato. À época da fundação do FN, o trauma em relação a um governo de direita ainda era latente na Europa, devido a ascensão e queda dos fascismos durante os anos 1930 e 1940. A esquerda que surgiu naquela época foi a ideologia política que mais encontrava respaldo na população, com suas propostas de mudança do sistema de governo vigente.

Atualmente, junto com a onda antimigratória que varre o continente europeu, o partido liderado por Marine Le Pen tem como um dos principais pontos de sua agenda política as questões relativas à migração. O programa do partido nos mostra a insatisfação com as medidas favoráveis à migração do governo de Nicolas Sarkozy, que é acusado de “promover a migração com interesses puramente eleitorais”.<sup>XIII</sup> O programa nos mostra que o Ministério do Interior deu a permissão de residência a 203 mil imigrantes somente no ano de 2010<sup>XIV</sup>, o que agravaria a tensão pelos serviços oferecidos pelo Estado, e acirraria a concorrência no mercado de trabalho. A livre imigração é aqui defendida como uma arma a serviço do grande capital, que vem a criar um arrocho salarial entre a força laboral francesa. Entre as propostas do partido para a solução do problema migratório está a redução ao longo de cinco anos da entrada de imigrantes no país de 200 mil para apenas 10 mil e tentar frear o agrupamento familiar entre os imigrantes, tendo em vista estes não criar família na França. A redução do prazo de autorização de residência no país de 10 anos para 3 anos também está entre as propostas.<sup>XV</sup>

Temos no Estado francês, a demonstração daquilo que se chama no campo das Relações Internacionais e Ciências Políticas de *Estado Pluricomposto*. Tal Estado, estaria abrangendo pessoas de diferentes grupos étnicos, linguísticos e religiosos. A França é um dos países com maior número de imigrantes na Europa, bem como um dos países deste continente com um maior número de grupos étnicos distintos. No que concerne aos troncos etnolinguísticos do país, nota-se uma grande variação, o que corresponde demasiadamente à herança do Imperialismo e Colonialismo francês durante o século XIX e parte do século XX. Os habitantes das ex-colônias migram para a França em busca de melhores condições de vida, o que gera uma diversificação não só étnica, mas também linguística e religiosa. Nesse sentido, a *clivagem* – que seria o conceito referente à capacidade do Estado manter os diferentes grupos populacionais numa convivência harmônica e coesa – não é posta em prática de forma exitosa pelo governo francês, o que gera certa desarmonia entre os diferentes grupos étnicos e nacionais, quebrando o estado de bem-estar social. A pluricomposição do Estado muitas vezes leva à fraturas no seu interior, provocando movimentos em favor da xenofobia, e em casos mais extremos, do separatismo.

No campo macro político, a França se encontra dentro de uma organização internacional de caráter continental, a União Europeia. As políticas defendidas por Marine Le Pen defendem a saída da UE, afirmando que esta vem a causar certa intromissão nos assuntos internos da nação. O desmembramento da União Europeia é defendido pelo FN para que a França volte a ter, por exemplo, moeda própria (tirando a crise do euro do país) e leis próprias para a imigração. É verdade que os Estados no mundo globalizado do tempo presente vêm a perder sua característica de principal, a de instituição que promove a proteção dos cidadãos, para as organizações internacionais, como no caso aqui tratado da União Europeia. Porém, tal legitimidade de poder concedida à uma organização internacional pode ser prejudicial, já que esta não leva em conta os parâmetros de pluralidade da população.

O tema da divisão da União Europeia, com a proposta de desligamento de alguns dos países a ela pertencentes, reacende a chama do debate proposto por Jürgen Habermas. Esta falta de coesão interna da União Europeia, reflete o que Habermas chamou, no seu recente livro intitulado *Sobre a Constituição da Europa*, de que a União Europeia seria antes, um projeto constitucional, do que uma verdadeira união entre nações.<sup>XVI</sup> Habermas vem a defender a ideia de que a união entre esses países ocorreu de forma com que houvesse uma maior facilidade entre a diplomacia dos Estados europeus, e não no sentido de que a população de todos esses países se sentisse com um interesse em comum, com um pertencimento à uma única nacionalidade. A partir deste princípio, a constituição da União Europeia estaria fada ao fracasso.

Eric Hobsbawm, na sua obra *Nações e Nacionalismo desde 1790*<sup>XVII</sup>, defende a ideia de que para um conglomerado de pessoas ter um sentimento de pertencimento à uma nação, a um só povo, alguns elementos triviais na mentalidade das pessoas teriam que ser levados em conta, a citar como exemplo, uma cultura comum, ideologias e interesses que mantivessem unidos tais indivíduos. O que ocorre na União Europeia, nada mais é do que uma união entre povos de diferentes origens, de culturas, tradições e costumes que divergem entre si. A criação da UE teria como um dos princípios básicos a formação de uma “grande nação europeia”, porém, como argumenta Habermas, esta união estaria destinada ao fracasso, já que a mesma não dispõe dos parâmetros elencados por Hobsbawm para a formação de uma nação única.

Como nos fala Patrick Charaudeau, a principal diferença entre os partidos clássicos e os partidos extremistas, é que estes últimos procuram sempre dar ênfase à um adversário. O autor francês mostra que no dispositivo do discurso político são visadas três instâncias, a saber: instância política, adversária e cidadã.<sup>XVIII</sup> É essa instância adversária que é enfatizada pelos partidos da extrema direita, que no caso do *Front National*, o principal adversário seria a União Europeia e a política de livre migração dos povos. Charaudeau ainda nos mostra, que um dos elementos fundamentais para a aceitação do discurso extremista em tempos de dilaceração social é justamente forjar um imaginário deste adversário – que no nosso objeto de estudo (a extrema direita) seria os imigrantes – como sendo um mal supremo, a causa de todos os males que determinado país está a passar.<sup>XIX</sup>

As políticas extremistas do *Front National* vieram a influir diretamente no resultado das eleições para o Parlamento Europeu do ano de 2014, que foi marcada pela principal vitória deste partido na sua história. Não só na França, mas como em boa parte da Europa, as eleições de 2014 tiveram uma marca fundamental: marcaram a ascensão da política polar no velho continente.

Durante os dias 22 e 25 de maio de 2014 ocorreu a oitava eleição para deputados do Parlamento Europeu, que é a instituição em que a administração da União Europeia é realizada, contando com 766 cadeiras e representando os 500 milhões de cidadãos que pertencem aos 28 Estados-membros da UE. As “Europeias” de 2014 não contrariaram a tendência de redução do número de sufrágios, que chegou a 43,09% do total de eleitores da UE<sup>XX</sup>. Esse declínio gradativo do número de votantes pode sugerir uma falta de estímulo por parte dos eleitores de irem às urnas provocadas pela ausência de uma política realmente representativa, que defenda as ideias desses cidadãos no Parlamento.

Uma novidade significativa que marcou estas eleições foi o demasiado aumento de votos em partidos de extrema direita e extrema esquerda. Essa crescente no número de votos em ambos extremos vem a confirmar uma opinião política dos eleitores a favorecer as políticas extremistas, quer seja de esquerda ou de direita. Esse fortalecimento dos polos das ideologias políticas tem como causa um sentimento ou uma vontade de mudança, causado por uma crise profunda na representatividade política e no crescimento sistêmico da descrença da

sociedade civil nas instituições. Os partidos e as propostas das políticas extremas na Europa no tempo presente são pautadas em mudanças e medidas radicais em detrimento dos atuais governos de seus respectivos países. São comuns propostas xenófobas, austeras, anti-imigração, e de desligamento da União Europeia, a qual os partidos políticos de extrema direita atribuem a crise em que o Velho Continente está a passar.

Na França, a extrema direita, representada pelo *Front National* logrou o maior número de votos do país ao alcançar 25% do sufrágio. Este foi o melhor resultado já alcançado em eleições nacionais na história do já tradicional FN. No mês de março de 2014, o *Front National* ao obter demasiado crescimento nos resultados das eleições locais para prefeito, já estava a fazer uma prévia do que seria seriam seus números nas “Europeias”. Na ocasião, o FN obteve a liderança da prefeitura de 14 cidades, melhor resultado em eleições locais na história do partido<sup>XXI</sup>.

O avanço da extrema direita e do partido de Le Pen pode ser explicado, em primeiro lugar, pela impopularidade de François Hollande, o atual presidente da França e pelo descontentamento com o sistema político-social atual. A crise econômica e social que assola o país vem a catalisar o descontentamento populacional com o governo e o sentimento de falta de representatividade. O resultado das eleições gerou certa preocupação por parte dos líderes do bloco europeu, causada pelo aumento do espaço dos chamados partidos eurocéticos no Parlamento. François Hollande convocou uma reunião – no dia 28 de maio - logo após a divulgação e a assimilação do resultado das eleições por parte dos líderes estatais, para procurar soluções práticas a fim de mudanças no funcionamento da UE, e a afirmar que os países devem procurar impulsionar a economia<sup>XXII</sup>. Apesar de as três coligações políticas centristas pró-União Europeia ainda dominarem o cenário político europeu, os eurocéticos estiveram a tomar uma parte das suas cadeiras no Parlamento. Podemos ter como exemplo os socialistas na França, liderados por Hollande, que tiveram que se contentar com o terceiro lugar no total de sufrágios franceses, com o *Front National* a lograr o primeiro lugar. Na Inglaterra, ocorreu situação semelhante, em que os conservadores do primeiro ministro David Cameron obtiveram apenas o terceiro lugar, e assistiu o triunfo do UKIP, o partido direitista que defende medidas anti-imigração<sup>XXIII</sup>.

As Eleições para o Parlamento Europeu de 2014, bem como as eleições regionais na França, no mesmo ano, apenas confirmou a ideia de descontentamento da sociedade europeia com o sistema político atual. Podemos observar que em períodos de colapso ou de crise da democracia, quando o Estado recua, as políticas extremistas tendem a avançar, em busca de mudanças radicais na sociedade e no governo. Presenciamos, nesse momento a eclosão dos extremos na Europa e esse crescimento estão atrelados às crises de representatividade e de caráter econômico, político e social, que assolam o Velho Mundo. Há uma tendência natural em pensarmos que grandes crises econômicas são geradoras de fascismos e ascensões da extrema direita. Se uma das funções da história é auxiliar os indivíduos na “desilusão” do mundo, como nos falou Tony Judt, então não podemos entender esse processo como natural ou patológico. Sua explicação está mais nas fragilidades das instituições, na crise geral da ideia de representação política do que propriamente em mais uma crise da economia que não foi a primeira e, de certo, não será a última. Crises econômicas podem catalisar processos de ascensão do extremismo ou mesmo aumentar sua popularidade, mas não explicam sua natureza que é muito mais complexa e profunda do que sua ligação com a economia. Sua natureza está sempre mais atrelada à sociedade e suas dinâmicas. Nesse aspecto, pensar o crescimento desses grupos extremistas é se voltar para a sociedade buscando nela as raízes para entender o nosso presente.

---

**Notas:**

<sup>I</sup> Esse artigo é resultado de estudos referentes aos projetos de pesquisa *Grécia no Tempo Presente: Crise Financeira e Ascensão da Extrema Direita*, que é financiado pela FACEPE – Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco, e o projeto de pesquisa intitulado *Ensino de História da Shoah: Problemas e desafios do Tempo Presente*, financiado pelo CNPq.

<sup>II</sup> Doutor em História Comparada pela UFRJ/Freeie Universität Berlim. Professor adjunto de Teoria da História e História do Tempo Presente na Universidade de Pernambuco. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Pernambuco. Professor Visitante em Relações Internacionais da Universidade Nacional de La Plata – Argentina.

<sup>III</sup> Pesquisador do GEHSCAL – Grupo de Estudos Históricos Socioculturais da América Latina, na linha de pesquisa História do Tempo Presente – HTP-UPE. Bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco – FACEPE.

<sup>IV</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/extrema-direita-avanca-com-discurso-anti-integracao-antes-de-eleicoes-para-parlamento-europeu-12181083>. Acesso em: 19/04/2014

<sup>V</sup> BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda: Razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

<sup>VI</sup> **Extremismo (verbetes)**. BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília: UNB, 1998.

<sup>VII</sup> Disponível em: <http://www.frontnational.com/le-projet-de-marine-le-pen/autorite-de-letat/etat-fort/>. Acesso em: 26/01/2015.

<sup>VIII</sup> CHARAUDEAU, Patrick. *O Discurso Político*. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.

<sup>IX</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/em-pequena-cidade-francesa-ate-imigrantes-declaram-voto-na-xenofobia-frente-nacional-12032657>. Acesso em: 29/01/2015.

<sup>X</sup> Disponível em:

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/02/140212\\_suica\\_italia\\_imigracao\\_ga\\_dg.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/02/140212_suica_italia_imigracao_ga_dg.shtml). Acesso: 29/01/2015.

<sup>XI</sup> Disponível em: [http://www.lemonde.fr/societe/article/2006/07/13/jean-marie-le-pen-renvoye-devant-la-justice-pour-ses-propos-sur-l-occupation\\_794895\\_3224.html](http://www.lemonde.fr/societe/article/2006/07/13/jean-marie-le-pen-renvoye-devant-la-justice-pour-ses-propos-sur-l-occupation_794895_3224.html). Acesso em: 02/09/2015.

<sup>XII</sup> Nome em hebraico para o que conhecemos como o Holocausto judaico na Segunda Guerra Mundial.

<sup>XIII</sup> Disponível em: <http://www.frontnational.com/le-projet-de-marine-le-pen/autorite-de-letat/immigration/>. Acesso em: 29/01/2015

<sup>XIV</sup> Idem.

<sup>XV</sup> Idem.

<sup>XVI</sup> HABERMAS, Jürgen. *Sobre a Constituição da Europa*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012

<sup>XVII</sup> HOBBSAWN, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2013.

<sup>XVIII</sup> CHARAUDEAU, Patrick. *O Discurso Político*. São Paulo: Ed. Contexto, 2011. P. 302.

<sup>XIX</sup> Idem. P.303.

<sup>XX</sup> Disponível em: <http://www.resultados-eleicoes2014.eu/pt/election-results-2014.html>. Acesso em: 30/05/2014

<sup>XXI</sup> Disponível em:

[http://internacional.elpais.com/internacional/2014/03/31/actualidad/1396243212\\_088554.html](http://internacional.elpais.com/internacional/2014/03/31/actualidad/1396243212_088554.html). Acesso em: 30/05/2014

<sup>XXII</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/hollande-defende-reducao-de-poder-reforma-na-uniao-europeia-12615152>. Acesso em: 30/05/2014

<sup>XXIII</sup> Idem

## Referências Bibliográficas:

ALVES, Gracilda (Org.); LAPSKY, Igor (Org.); SCHURSTER, Karl (Org.). **História Comparada**. Recife: Ed. Edupe, 2014

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: Razões e Significados de uma Distinção**. São Paulo: Ed. Unesp, 1995.



- 
- BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Brasília: Ed. UnB, 1998.
- CASTRO, Thales. **Teoria das Relações Internacionais**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.
- HABERMAS, Jürgen. **Sobre a Constituição da Europa**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.
- HEYWOOD, Andrew. **Ideologias Políticas: do Liberalismo ao Fascismo**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 2012.
- HOBBSBAWN, Eric. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. São Paulo: Ed. Cia. Das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2013.
- HUNTINGTON, Samuel. **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 1997.
- JUDT, Tony. **Pensando o Século XX**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2014.
- \_\_\_\_\_. **O Mal Ronda a Terra: Um tratado sobre as insatisfações do presente**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2011.
- JULIARD, Jacques. **O fascismo está voltando? A queda do comunismo e a crise do capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LEFORT, Claude. **A Invenção Democrática**. São Paulo: Ed. Autêntica, 2011.
- MAC CORMIC, John. **The Europea Union: Politics and Policies**. EUA: Westview Press, 2013.
- PAXTON, Robert Owen. **A Anatomia do Fascismo**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2007.
- RODRIGUEZ JIMENEZ, Jose Luis. **La Extrema Derecha Europea**. Madrid: Ed. Alianza, 2004.
- SCHURSTER, Karl (Org.); LAPSKY, Igor (Org.); DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira (Org.); SILVA, Giselda Brito (Org.). **Velhas e Novas Direitas: A atualidade de uma polêmica**. Recife: Ed. Edupe, 2014.

---

SOROS, George. **The Tragedy of the European Union: disintegration or revival?** EUA: Public Affair, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **Os Inimigos Íntimos da Democracia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ZIEMMERMANN, Hubert. **Key controversies in European Integration.** EUA: Palgrave Macmillan, 2012.